



Escrito na pedra

A tecnologia tem sido uma aliada para resistir à quarentena. Devemos servir-nos dela também para os livros?

É como nas resoluções de ano novo. Com a perspectiva de mais dias em casa, reforçam-se as metas de ler todos os livros perdidos nas estantes, todos os desejados e nunca comprados, clássicos incluídos. Não é certo que assim aconteça, mas o melhor é contar com a hipótese e tentar responder a uma pergunta com mais de dez anos: o livro digital é mais sustentável?

A intuição diria que sim. O argumento é o de que o custo ambiental da produção de papel e tinta, muitas vezes com recurso a combustíveis fósseis, e do transporte entre fábricas, armazéns, livrarias e casas, num processo que se repete a cada novo livro, superaria o custo do digital, onde num único leitor cabem bibliotecas inteiras. Por essa razão, um artigo de 2012 da “National Geographic” apontava que a emissão de carbono de um *e-reader*, como um Kindle ou um iPad, era compensada após a leitura de 14 livros digitais.

As contas não são pacíficas e dependem de outras variáveis além do uso. O especialista em análise de ciclos de vida Gregory Norris e o jornalista de ciência Daniel Goleman dividiram a pegada dos livros em cinco momentos: materiais, fabrico, transporte, leitura e descarte. Apenas no transporte o *e-reader* se prova menos danoso, sobretudo se o livro em papel for encomendado do estrangeiro.

Nos passos anteriores, porém, o aparelho eletrónico custa sempre mais: mais minerais extraídos, mais combustíveis fósseis, mais água para as baterias, mais dióxido de carbono libertado na atmosfera. Se contássemos só com estas variáveis, seriam precisos cerca de 50 *e-books* para o ponto de inflexão a favor de um Kindle. Parece paradoxal, mas o dano que ele causa é tanto menor quanto mais vezes for usado.

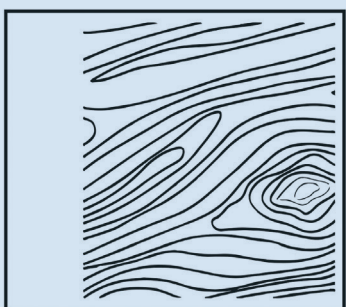
O modo de usar também não é indiferente. Se uma obra física for lida sempre à noite, com um candeeiro aceso, o consumo de energia é maior do que num ecrã. Mas basta ler à luz do dia para o livro tradicional passar para a frente.

No fim da vida, o que conta é o destino. A decomposição de um livro em papel num aterro gera o dobro das emissões do seu fabrico, mas a variedade de substâncias tóxicas libertadas pela incineração de lixo eletrónico é de tal ordem que só se forem utilizados os mais altos padrões de qualidade se garante uma morte saudável.

Apesar das melhorias no fabrico, as constantes trocas por equipamentos novos contribuem para que a opção mais ecológica continue a ser o livro em papel, comprado na livraria mais próxima ou requisitado na biblioteca. E, assim que voltar a ser possível, passado de mão em mão.

JOÃO DIOGO CORREIA

jdcorreia@expresso.imprensa.pt



VIDASUSTENTÁVEL

Nada muda se não mudarmos



Expresso

ALIMENTAÇÃO GLOBAL



Vendedor protegido do contágio por uma máscara, num mercado em Kampala, Uganda FOTO BADRU KATUMBA/AFP/GETTY IMAGES

Não é altura de guardar o que deve ser dividido

Os **stocks** globais são adequados, mas esta é a altura para os países colaborarem e cooperarem. Os **mais abastados têm especiais responsabilidades** face à fome

CRISTINA PERES

As autoridades russas vão avaliar as necessidades reais do país semana a semana para decidir se exportam ou não os bens alimentares que produzem. Se houver excesso, tudo continua como até aqui. Se houver falta, já não sai das fronteiras.

Não é caso único. O Cazaquistão é um dos maiores exportadores mundiais de farinha de trigo e parou de exportá-la no final de março, bem como cenouras, açúcar e batata. O Vietname suspendeu a assinatura de novos contratos para exportar arroz e a Sérvia cortou a linha de exportação de óleo de girassol.

Todos juntos, estes gestos representam uma percentagem insignificante das matérias-primas alimentares produzidas e exportadas em todo o mundo, mas podem significar protecionismo.

Perante o encerramento das fronteiras e a disrupção das cadeias de distribuição que decorre das medidas de contenção da pandemia, os grandes exportadores podem dar preferência aos *stocks* nacionais. Guardar os bens alimentares que produzem em vez de exportá-los pode camuflar uma deriva nacionalista que venha a perturbar ainda mais as cadeias de fornecimento e os fluxos do comércio tal como os conhecemos.

Os peritos em alimentação garantem que o fornecimento de alimentos global é, por

ora, adequado e que os preços permanecem baixos por causa do abrandamento da economia. Resistem a ler os sinais daqueles países como significativos. É certo que as matérias alimentares são muito sensíveis às flutuações do mercado global, que este reage rapidamente à percepção que os acontecimentos desencadeiam e que as consequências económicas da pandemia estão apenas no início.

Prioridades equivocadas

“O Ocidente está preocupado com os assuntos errados. Não se pode colocar a questão em

Peritos garantem que fornecimento global de alimentos é adequado e preços permanecem baixos

termos de guerra comercial, porque os Estados Unidos e a China estão na fase inicial de um acordo recentemente estabelecido entre os dois, é uma questão bilateral que não está a afetar outros mercados. Mas a situação global é diferente de tudo o que já vivemos, não vale a pena comparar com nenhuma crise do passado”, diz ao Expresso Abdolreza Abbassian, economista sénior da FAO, Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, ao telefone a partir da sede, em Roma.

Tornou-se impossível fazer generalizações. Cada país vai ter dificuldades diferentes, ainda que se reflitam de forma mais aguda no desemprego e na distribuição dos alimentos provocados pela interrupção da mobilidade. Há, então, que encontrar “denominadores comuns”, defende o especialista, quando a prioridade continua a ser a procura por alimentos básicos, a procura mais forte por alimentos que possam ser armazenados muito tempo, como o arroz, e menos por frescos, mais sujeitos às dificuldades logísticas de colocação nos mercados.

O que o Ocidente está a negligenciar, porém, são os indicadores estatísticos que dizem que está a aumentar a má nutrição e o desemprego nos países pobres. “Nesses países não poder ir à escola significa não comer”, diz Abbassian, explicando que se os números de infetados em África não se mantiverem modestos, como até agora, ou na América Latina e partes da Ásia, a “disrupção criada pelo medo de contágio pelo coronavírus vai ter consequências desastrosas”.

Norte tem de ser generoso

“Este é o momento para ações muito mais generosas por parte do mundo rico em direção ao mundo pobre. Ou há perdão da dívida para sempre ou há turbulência e nunca mais voltará a haver uma vida normal”, diz o economista da

FAO, lembrando que a ordem para “ficar em casa” põe em causa a sobrevivência de milhões de trabalhadores sazonais e das famílias que deles dependem, os contabilizados como subsistindo com um dólar por dia e que acabam de perder o meio de ganhar esse dólar.

O economista guineense Carlos Lopes, diretor da Comissão Económica para África da ONU (UNECA) em 2012-16, defende, num artigo de opinião publicado no *site* “Africa Report”, que a pandemia do coronavírus não pode ser considerada uma surpresa. Estudos de epidemiologistas

Guardar alimentos em vez de exportar pode camuflar deriva nacionalista e pôr em risco o fornecimento

tas e relatórios de informação tinham previsto que, nalgum momento, se espalharia pelo mundo uma doença infecciosa causada por síndrome respiratória aguda.

Não houve “vigilância séria nem preparação”, mas tornou-se “mais evidente que é do maior interesse dos parceiros ocidentais de África serem mais generosos, mais abertos e menos cínicos”, escreve Lopes. “O mundo será um lugar melhor se não estiver ameaçado por um vírus que adora a pobreza que existe em muitos países africanos”, terreno ide-

al para que o SARS-CoV-2 se dissimule e volte a espalhar-se em ondas futuras. “Por razões egoístas, se não for por outras, o Ocidente não deveria permiti-lo, os custos são demasiado altos”, conclui.

“A alimentação é essencial, não se pode viver sem ela”, diz Abbassian, lembrando a volatilidade da situação a nível global e como em cada país tudo se pode tornar imprevisível se os retalhistas não conseguirem encher as prateleiras por causa de questões logísticas e dificuldade de transporte.

Num primeiro momento, a tendência é para as pessoas comprarem mais, mesmo sem necessidade, e armazenar. Não é esse, contudo, o caso dos países pobres, onde “a má nutrição já existe e vai aumentar”. “O mundo vai ter de se preparar para a instabilidade se não se investir nos países que precisam de ajuda.” Ninguém está a comprar os produtos que esses países exportam “e eles continuam a ter de comprar alimentos”, sublinha Abbassian.

“Se os Governos não trabalharem coletivamente e em cooperação para garantir que haja fornecimento alimentar a nível global, se se limitarem a pôr as suas nações à frente das outras, vamos acabar numa situação muito pior”, resume à Bloomberg o investigador Tim Benton, diretor de investigação da emergência de riscos do *think tank* Chatham House.

cperes@expresso.imprensa.pt